



EDITORA



UnB

LITERATURAS DE RESISTÊNCIA E TRADUÇÃO

Norma Diana Hamilton





Universidade de Brasília

Reitora : Márcia Abrahão Moura
Vice-Reitor : Enrique Huelva

EDITORA



UnB

Diretora : Germana Henriques Pereira

Conselho editorial : Germana Henriques Pereira (Presidente)
: Ana Flávia Magalhães Pinto
: Andrey Rosenthal Schlee
: César Lignelli
: Fernando César Lima Leite
: Gabriela Neves Delgado
: Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
: Liliane de Almeida Maia
: Mônica Celeida Rabelo Nogueira
: Roberto Brandão Cavalcanti
: Sely Maria de Souza Costa

EDITORA



UnB

Literaturas de resistência e tradução

Norma Diana Hamilton



	Equipe do projeto de extensão – Oficina de edição de obras digitais
Coordenação geral	Thiago Affonso Silva de Almeida
Consultora de produção editorial	Marília Carolina de Moraes Florindo
Coordenação de revisão	Denise Pimenta de Oliveira
Coordenação de design	Cláudia Barbosa Dias
Revisão	Julia Neves
Diagramação	Beatriz Parente Barreto de Abreu
Foto de capa	Arte sobre foto de Norma Diana Hamilton

© 2023 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:
 Editora Universidade de Brasília
 Centro de Vivência, Bloco A - 2ª etapa, 1º andar
 Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF
 CEP: 70910-900
 Site: www.editora.unb.br
 E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
 (Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UnB)

L776 Literaturas de resistência e tradução [recurso eletrônico] / [organizadora] Norma Diana Hamilton. – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2024.
 203 p. – (Série Ensino de Graduação).

Formato PDF.
 ISBN 978-65-5846-058-9.

1. Literatura. 2. Tradução e interpretação. 3. Interseccionalidade (Sociologia). 4. Poesia. I. Hamilton, Norma Diana (org.). II. Série.

CDU 81'255.4

Dedicamos este livro à professora Cintia Schwantes, que tem um lugar especial em nossos corações. Intelectual esforçada, ela contribuiu com um capítulo nesta coletânea, lendo e revisando o texto até os últimos dias conosco. Mãe carinhosa e professora com um ótimo senso de humor, criticava de forma espontânea as coisas que não funcionavam. "Knock yourself out!" era uma de suas expressões mais comuns quando permitia que suas/seus estudantes realizassem algo desejado. Com um sorriso sempre no rosto, acalmava-nos quando as coisas se complicavam. Nós, professoras/es, colegas e estudantes, sentimos muito sua falta. Que ela fique com Deus, enquanto nós ficamos com os ensinamentos e as boas lembranças dela.

Sumário

Apresentação 9

Reexistência nos romances de escritoras afro-brasileiras contemporâneas 15

Adélia Mathias

A resignificação como resistência em *Deus ajude essa criança*, de Toni Morrison 29

Norma Diana Hamilton

A resistência do drama de Suzan-Lori Parks 45

Annemeire Araújo de Lima

Tradição e inovação em *Os ratos*, de Dyonélio Machado 59

Franciele Barboza Neves e Danglei de Castro Pereira

Os limites das poéticas da forma 77

Cíntia Schwantes

A palavra poética como necessidade na nova geração da poesia angolana 85

Kaio Carmona

No reino de gaza: *Gungunhana*, romance histórico moçambicano de Ungulani Ba Ka Khosa 95

Edvaldo A. Bergamo

O diálogo histórico e político em *Bent*, de Martin Sherman 111

Lajosy Silva

A dupla responsabilidade autor-tradutor em *Amada*, de Toni Morrison 127

Alexandre Marcelino Viana de Siqueira e Norma Diana Hamilton

A representação da violência colonial em *The house of hunger*, de Dambudzo Marechera e uma proposta de tradução 147

Talita Alves Oliveira e Norma Diana Hamilton

A Jamaica no palco: sugestões para a tradução de *At what a price*, de Una Marson 163

Ian Alexander

Pedagopoesia como resistência em *Sociedade é construção*, de Luciene Nascimento: uma proposta de tradução para inglês 179

Norma Diana Hamilton

Últimas palavras ao(à) leitor(a) 197

Sobre as(os) autoras(es) 199

Apresentação

É com satisfação que apresento este livro, com a finalidade de contribuir para os processos de ensino-aprendizagem relacionados às disciplinas de literatura e tradução dos cursos de Letras, especificamente, mas não restritas, às do inglês e do português.

Para dar início à conversa acerca da literatura, vejamos brevemente a velha questão relacionada à ideia de ela ter ou não compromisso com a verdade, a ética e a transformação do mundo para melhor. Desde Aristóteles, o consenso tem sido o de que ela não tem obrigação com nada; trata-se de mera representação não do que deveria ser, mas do que poderia ser (Aristóteles, 2020).

Em relação à produção literária, Oscar Wilde (2008), grande escritor inglês do século XIX, branco, homossexual e de classe média, escreveu: “o artista não deseja comprovar nada [...]. Toda arte é simplesmente inútil”.¹ Vale salientar que o autor fez essa manifestação no prefácio² de um de seus romances – muito louvável por retratar as questões sociais da Inglaterra de sua época –, posteriormente às condenações de sua obra por uma parte da sociedade, que mantinha valores tradicionais.

A escritora brasileira afro-indígena Verenilde Pereira parte da perspectiva de que a literatura, embora não tenha pretensão social ou política, acaba tendo função relacionada a essas questões. Em suas palavras:

a literatura quer algo mais, ela quer aquela instância do que não foi dito, do infundável, do que não terminou ainda. Daquilo que não tem um ponto final, porque você termina um conto ou um romance com o ponto final, mas você vai catar no personagem, e esse personagem tá sempre inquieto, sabe? Qual é a próxima pergunta? Onde a humanidade vai dar? No que essa terra vai dar? É essa instância do que não foi dito, do que tá submerso ainda, é que a literatura vai procurar.³

Compartilho a perspectiva de Pereira, pois a literatura, ao trazer o passado, acaba desempenhando o papel de resgate de histórias individuais e coletivas e, ao olhar o futuro, especula, prevê alguma coisa, antecipa o mundo. A prática literária é uma “forma de falar do mundo dentro de uma preocupação estética” (Pereira, 2023).

¹ *No art desires to prove anything. [...] All art is quite useless.*

² Esse prefácio se encontra no romance *The picture of Dorian Gray*.

³ Fala da escritora em evento de sua homenagem, na II Feira de livros e artes de mulheres escritoras pretas, FLAME 2023. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=7PDb8jjlexc>. Acesso em: 27 setembro 2024.

Além disso, a literatura realiza função de humanização e formação, conforme assinala Antonio Candido (1988): ao ordenar os fenômenos da realidade, ela orienta o Eu e a interação com o outro. Segundo o crítico, “[ao] dar forma aos sentimentos e à visão do mundo, [a literatura] nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza” (1988, p. 186).

Acerca da literatura de resistência, ela apresenta uma dimensão além da estética: a do engajamento social, que traz a ideia de arte em paralelo a ativismo. Podemos dizer, sem pensar na questão da “intenção” do(a) escritor(a), que essa literatura se mostra engajada com o destino dos seres humanos, ao trazer denúncias contra a injustiça e ao instigar nas(nos) leitoras(es) uma indagação crítico-reflexiva quanto ao comportamento humano.

Por fim, proporciona ao(à) escritor(a) o poder de tornar-se sujeito (Kilomba, 2008). Do ponto de vista histórico, na literatura da classe dominante, os grupos minorizados são geralmente retratados como objeto, isto é, não há preocupação com uma representação adequada, justa e humana. Com a ampliação das vozes dos(as) minorizados(as) no espaço literário contando suas próprias histórias, elas trazem suas subjetividades e vivências interseccionais.⁴ Desse modo, a literatura se torna prática de representação política.

Em relação à tradução, aliada antiga da literatura, ela também pode ser vista como arena de luta política, uma vez que envolve a representação da concepção do mundo por diferentes grupos culturais. Falar de tradução e resistência implica a ideia de defesa da ética e da responsabilidade na representação do outro. Assim como a literatura, essa é uma ferramenta para atuação no mundo; pode contribuir para a visibilidade das pautas dos grupos minorizados no cenário internacional. Dessa forma, a prática da tradução também é resistência.

Os capítulos deste livro, produzidos por pesquisadoras(es) de diferentes universidades, abordam a temática da ficção como resistência, seja pela denúncia representada de opressões sociais ou pelo desafio da escola literária em que a obra se encontra. Os que dialogam com a tradução mostram o potencial dessa de contribuir para a visibilidade dos assuntos sociais, ao mesmo tempo que ela transborda os limites da língua.

O livro fomentará ao público-alvo uma leitura amplificada, visto que contempla uma fração representativa de diferentes literaturas produzidas em variações da língua portuguesa (brasileira, angolana, moçambicana) e da língua inglesa (jamaicana, inglesa, estadunidense), garantindo a esse público uma exposição relevante de uma variedade de aspectos linguísticos, literários e culturais. A diversidade de tais conhecimentos é necessária para uma formação abrangente das(os) estudantes de Letras Tradução: Português-Inglês.

Desse modo, o primeiro capítulo, escrito por Adélia Mathias, reflete sobre a maneira pela qual as escritoras afro-brasileiras contemporâneas têm exercido o papel de resistir às forças de dominação do poder hegemônico por meio de suas obras e, desse modo, como têm contribuído para uma sociedade mais plural. Para tanto, são apresentados, de forma breve, pressupostos para compreender a literatura afro-brasileira contemporânea. Utilizam-se

⁴ Refere-se ao conceito de interseccionalidade, cunhado pela ativista afro-estadunidense Kimberlè Crenshaw (1989), referente às experiências distintas e opressoras de grupos minorizados, em função da discriminação relacionada às categorias de sua identidade – raça, gênero, sexualidade, classe, entre outras.

as obras *Um defeito de cor* e *Becos da memória*, de Ana Maria Gonçalves e Conceição Evaristo, respectivamente, a fim de ilustrar as distintas perspectivas e representações a partir do lugar de fala das autoras.

No capítulo 2, Norma Diana Hamilton também aborda a literatura de autoria de mulheres negras, porém no contexto estadunidense. A autora se debruça especificamente sobre o tema da ressignificação da opressão racial no romance *Deus ajude essa criança* (2015), de Toni Morrison. Ela utiliza o termo ressignificação para caracterizar a forma pela qual a protagonista negra do romance constrói novos sentidos de suas experiências para sobreviver em um contexto regido pelo racismo.

O terceiro capítulo, de Annemeire Araújo de Lima, consiste na análise poética de duas peças escritas por Suzan-Lori Parks: *Betting on the Dust Commander* (1986) e *Devotees in the Garden of Love* (1991). Com o objetivo de apreender como se posicionam em relação às questões de gênero, alguns elementos dos dois textos dramáticos foram examinados em consonância com suas respectivas condições de enunciação. Partiu-se da hipótese de que a resistência, praticada pela repetição-revisão elaborada pela dramaturga afro-estadunidense, se realiza no incentivo que essa poética dá às reconfigurações paralinguísticas e linguísticas no campo teatral e no âmbito dos movimentos sociais.

No quarto capítulo, Franciele Barboza Neves e Danglei de Castro Pereira focalizam os aspectos e procedimentos narrativos no romance *Os ratos*, de Dyonélio Machado, com a preocupação de, por um lado, ambientar a obra nos limites do Modernismo no Brasil e, por outro, discutir elementos específicos relacionados à linguagem narrativa que indiquem traços de tensão social. Dessa forma, investigam a presença de aspectos da tradição modernista, sobretudo no que se refere ao delineamento do protagonista Naziazeno e a maneira pela qual o narrador conduz sua narrativa, de forma a apresentar esse personagem em tensão com aspectos relacionados à sobrevivência de um homem em declínio social no início do século XX.

No quinto capítulo, Cíntia Schwantes mostra que dois poemas, um de Alvarenga Peixoto, e o outro de Alfred, Lord Tennyson, pertencem a períodos literários que priorizaram a forma sobre o conteúdo, respectivamente, o Neoclassicismo e a Era Vitoriana. Assevera que, no entanto, ambos os poemas – que coincidentemente não têm título –, embora não descuidem dos aspectos formais propugnados por suas escolas, carregam alta carga emocional. Afirma que, por conseguinte, apesar de os autores seguirem os preceitos vigentes à época, eles os traem, ao cruzar um de seus interditos: o de expressar emoção.

Já no capítulo sexto, Kaio Carmona propõe uma análise da obra *Insurreição dos signos*, de Hélder Simbad, como parte da pesquisa e leitura sobre a nova geração da poesia angolana no século XXI. Além da apresentação de uma relação direta com a poesia brasileira, em diálogo intercultural, o estudo do texto angolano apoia-se em autores fundamentais para a reflexão sobre o discurso poético, como Octavio Paz, Johan Huizinga, Michel Hamburguer e Antonio Candido.

O sétimo capítulo, de autoria de Edvaldo A. Bergamo, é um estudo crítico do livro *Gungunhana: Ualalapi e as mulheres do imperador* (2017), do escritor Ungulani Ba Ka Khosa (1957). Além de abordar sucintamente as especificidades da formação da literatura

de Moçambique e as particularidades da constituição do romance histórico na referida nação austral do continente negro, faz uma breve consideração historiográfica sobre a personalidade pública central em evidência. Afirmar que se trata de uma investigação exegética das singularidades estéticas e ideológicas da obra em questão, tendo em vista a figuração literária percuciente de símbolos controversos, insígnias disputadas do passado africano (confronto, exílio e retorno), no tocante a uma suposta e/ou (in)suspeita resistência anticolonial que ainda ressoa no presente, que se caracteriza por múltiplas instabilidades e diversas inquietudes quanto ao futuro promissor de uma identidade nacional em ascensão.

O oitavo capítulo, de Lajosy Silva, contempla a questão histórica e política na representação da homossexualidade no teatro a partir de *Bent*, do dramaturgo estadunidense Martin Sherman. Segundo o pesquisador, a peça foi encenada pela primeira vez em 1979 e permite uma leitura e interpretação do tempo e do espaço enquanto representação da história e das contradições da sociedade contemporânea. Ademais, discute como essa representação estaria ligada a questões mais amplas, que abarcam aspectos socioeconômicos, políticos e ideológicos.

No capítulo 9, Alexandre Marcelino Viana de Siqueira e Norma Diana Hamilton fazem uma leitura crítica da obra *Beloved*, de Toni Morrison, que retrata a mulher escravizada do século XIX nos Estados Unidos. Os autores analisam também a tradução brasileira *Amada*, de José Rubens Siqueira. Para isso, desenvolvem um diálogo com as teorias de tradução referentes às práticas de descrição de tradução (Toury, 1995), bem como de domesticação e estrangeirização (Venuti, 2021). Concluem que o reconhecimento da responsabilidade autoral por parte do tradutor deve se manifestar por meio de um texto-alvo, no qual as escolhas feitas se evidenciam como conscientes e justificadas, pois, do contrário, corre-se o risco de que a tradução rebaixe a qualidade político-social da obra.

No décimo capítulo, Talita Alves Oliveira e Norma Diana Hamilton apresentam uma proposta de tradução de partes da novela *The house of hunger* (1978), do escritor zimbabuano Dambudzo Marechera. A tradução realizada focaliza os fluxos de consciência do personagem principal, com ênfase em metáforas. As pesquisadoras ficam atentas à questão da manipulação da tradução, buscando contemplar uma transferência intercultural adequada que evitasse a inferiorização e deturpação da voz do narrador-protagonista. Para isso, desenvolvem uma tradução *entranceirizante* em oposição à *domesticadora*, com base na perspectiva de Lawrence Venuti (1995).

No capítulo 11, Ian Alexander examina as possibilidades de tradução para o português brasileiro da peça *At what a price* (1931), da jamaicana Una Marson (1905-1965), como texto para produção no teatro, levando em consideração a variação linguística do texto de partida, o significado social e dramático dessa variação e os efeitos cômicos e sérios das quatro personagens, cujo uso de inglês é marcado no texto como especificamente jamaicano. O capítulo apresenta um breve resumo da história da comunidade negra na Jamaica, da vida de Marson e das responsabilidades éticas de um tradutor branco ao traduzir um texto de autoria negra.

O último capítulo, produzido por Norma Diana Hamilton, contempla uma leitura crítica do poema “Sociedade é construção (e o racismo é o cimento)”, da nova poeta afro-brasileira, Luciene Nascimento, que tem despertado a atenção do público. Hamilton apresenta o conceito *pedagapoesia*, conforme criado por Nascimento e desenvolve um diálogo entre as reflexões sobre o poema e as teorias que abordam o racismo estrutural. Ele realiza uma tradução do poema para a língua inglesa e discute as estratégias utilizadas. Em vista disso, acredito que o presente livro será valioso no sentido de contribuir para os estudos acerca das literaturas de resistência e a tradução. Encontram-se no final de cada capítulo duas perguntas para fomentar a reflexão.

Desde já, a você, leitor(a), desejo uma boa leitura!

Norma Diana Hamilton,
Brasília, 2023.

Sobre as(os) autoras(es)

Adélia Mathias

Doutora por Fachbereich Translations-, Sprach – und Kulturwissenschaft (FTSK) da Johannes Gutenberg-Universität Mainz, Alemanha. Contato: adeliamathias@gmail.com

Norma Diana Hamilton

Professora adjunta do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução do Instituto de Letras da Universidade de Brasília (UnB). Doutora em Literatura e Práticas Sociais. Cofundadora do Núcleo de Escritoras Pretas – Maria Firmina dos Reis (NEPFIR), registrado no CNPq e vinculado à UnB. Escritora. Autora, dentre outros, do livro de poemas *Pedago-poemas: por uma educação antirracista*. Contato: norma.diana@unb.br

Annemeire Araújo de Lima

Graduada em Letras – Língua Inglesa pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), mestra em Estudos da Linguagem pela mesma instituição e doutora em Literatura pela Universidade de Brasília (UnB). Atua como docente da rede municipal de Educação e Desportos em Manaus-Amazonas desde 2006, interessando-se academicamente por estudos nas áreas de ensino de línguas, literatura dramática e teatro político. Contato: ennaouara@gmail.com

Franciele Barboza Neves

Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Professora de língua espanhola na Secretaria Estadual de Educação de Mato Grosso do Sul. Contato: francielebarboza2008@hotmail.com

Danglei de Castro Pereira

Doutor em Letras pela Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho – UNESP/SJRP. Pesquisador do NEHMS. Professor de literatura brasileira na Universidade de Brasília. Professor permanente no Programa de Pós-Graduação em Literatura (PósLit-UnB),

no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem (UFMS) e no Programa de Pós-Graduação em Letras (UNEMAT/Sinop). Investiga principalmente os seguintes temas: revisão do cânone literário, ensino de literatura e diversidade na literatura do século XIX e sua influência nos dias de hoje. Contato: danglei@unb.br

Cíntia Schwantes

Doutora em Literatura Comparada pela UFRGS/Indiana University atuando nas linhas de pesquisa Representação na literatura contemporânea e Estudos literários comparados. Seus projetos de pesquisa são RPG e representação de gênero, Intertextos e O Outro no processo de formação: o papel da mentora nos romances de formação. Contato: schw@unb.br

Kaio Carmona

Escritor e professor na Universidade Agostinho Neto e no Instituto Guimarães Rosa em Luanda, Angola. Doutor em Estudos Literários pela UFMG. Publicou, entre outros, os livros *Para quando* (Scriptum, 2017), *26 poetas na Belo Horizonte de ontem* (Fino Traço, 2020) e *A casa comum* (Quixote+Do, 2020). Contato: kaiocarmona@hotmail.com

Edvaldo A. Bergamo

Professor Associado de Literatura Portuguesa e de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa do Departamento de Teoria Literária e Literaturas (TEL) do Instituto de Letras (IL) da Universidade de Brasília (UnB). É membro do Programa de Pós-Graduação em Literatura, investigando principalmente os seguintes temas: romance histórico; romance de Jorge Amado; romance de 30; romance neorrealista; romance e autoritarismo; romance e descolonização. Contato: edvaldobergamo@unb.br

Lajosy Silva

Professor adjunto do Departamento de Línguas e Literaturas em Línguas Estrangeiras e do PPGL – Programa de Pós-Graduação, Mestrado, em Letras do Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Contato: louis.silva1974@gmail.com

Alexandre Marcelino Viana de Siqueira

Estudante de graduação de Letras Tradução-Inglês da Universidade de Brasília (UnB). Contato: alexandre.siqueira@aluno.unb.br

Talita Alves Oliveira

Graduada em Letras Tradução-Inglês pela Universidade de Brasília (UnB). Pesquisadora do grupo de pesquisa Tradução Etnográfica e (Po)éticas do Devir. Contato: talitaalves546@gmail.com

Ian Alexander

Professor adjunto do Departamento de Línguas Modernas do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Ministra disciplinas de tradução e de literatura anglófono das Américas, da África e da Oceania. Formado em Letras e História pela Universidade de Sidney, Austrália. Doutor em Literatura Comparada pela UFRGS. Autor de quatro romances. Contato: ianalex63@gmail.com

A Editora UnB é filiada à



Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

LITERATURAS DE RESISTÊNCIA E TRADUÇÃO

A literatura de resistência se distingue por sua representação da denúncia contra a opressão. Dessa forma, ela apresenta dupla dimensão: a estética, que mantém a qualidade da literariedade, do belo; e o engajamento social, que instiga reflexões sobre a interação humana e o impacto dos fenômenos do mundo no indivíduo e no coletivo. Em relação à segunda dimensão, a produção literária pode funcionar como um meio de ativismo, pois pode contribuir para a conscientização e a sensibilização de um povo... Convidamos você, leitor(a), a contribuir para a construção de sentidos referentes às literaturas de resistência. Por essa razão, incluímos perguntas voltadas à reflexão, no fim de cada capítulo. Esperamos que continue o debate além deste livro sobre literatura, resistência e tradução, por meio de pesquisas de Pibics, TCCs, ou em conversas do cotidiano.

EDITORA



UnB

